

## DESAFIANDO OS PADRÕES SEXUAIS DE NORMALIDADE DO SÉCULO XIX: O DIÁRIO ÍNTIMO DE JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES (1880-1887)

Patrícia Simone de Araujo\*  
Sônia Maria de Magalhães\*\*

### Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar o diário íntimo do político e intelectual do século XIX, José Vieira Couto de Magalhães. O diário em análise foi escrito entre os anos de 1880 a 1887. A sua escrita íntima engloba uma gama diferenciada de assuntos, o menosprezo que sentia pelas mulheres, seus temores, angústias, negócios, os seus relacionamentos pessoais e íntimos, os cuidados com o corpo e, principalmente, o que é mais importante para a proposta de análise deste artigo, uma sexualidade aflorada em sonhos que revelam um aguçado desejo homoerótico. Em uma época em que os homossexuais eram malvistas pela sociedade, considerados, pela Igreja, como disseminadores de pecado e, pelo discurso médico, como doentes do “instinto sexual” (FOUCAULT, 1984), José Vieira descreveu seus sonhos eróticos com personagens do mesmo sexo de forma natural e espontânea, sem atribuir-se nenhum rótulo negativo.

**Palavras-chave:** Couto de Magalhães. Diário íntimo. Sexualidade.

### CHALLENGING SEXUAL PATTERNS OF NORMALITY IN THE XIX CENTURY: THE INTIMATE DIARY OF JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES (1880-1887)

### Abstract:

This article aims at analyzing the intimate diary of José Vieira Couto de Magalhães, a XIX century politician and thinker. The diary under analysis was written between 1880 and 1887. The author's intimate writing encompasses a multitude of issues, including his disregard for women, his fears, anguish, business, his personal and intimate relationships, concerns as to caring for the body, and, in particular – and of special interest for this article – a feverish sexuality which is expressed in dreams, revealing a strong homoerotic desire. Living in a period in which homosexuals were badly regarded by society, were considered “propagators of sin”, by the Church, and as carriers of “sexual instinct” diseases in medical discourse, José Vieira described his erotic dreams with partners of the same sex in a natural and spontaneous manner, without attributing any negative labelling to these dreams.

**Keywords:** Couto de Magalhães. Intimate diary. Sexuality.

---

\* Graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da rede municipal de ensino de Anápolis (GO) e Tutora do Curso de História da Universidade Norte do Paraná (Unopar). Tem experiência nos temas de pesquisa: corpo, saúde, doença, sexualidade e escrita de si.

\*\* Professora orientadora desse trabalho. Graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (1994), mestrado (1998) e doutorado (2004) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou estágio pós-doutoral como bolsista PRODOC na Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: Goiás, abastecimento, alimentação, fome, doenças, Minas Gerais, história da medicina, história e educação, formação de professores. É docente Adjunto III no Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

## Introdução

O resplandecer da disseminação da prática social da escrita íntima sobreveio na época vitoriana, período em que a distinção entre as esferas pública e privada se tornou mais clara, quando, na manifestação das pulsões – principalmente, no tocante ao aspecto sexual –, deveria ficar resguardada a vida privada, considerada o lócus “privilegiado” para o indivíduo desnudar sua intimidade.

A escrita de si<sup>1</sup> pode ser historicamente localizada. Embora existam desde a Antiguidade, os registros pessoais neste período não se configuravam como autobiográficos, pois a “experiência pessoal não era, por si mesma, digna de ser levada à página escrita” (LIMA; SANTIAGO, 2010, p. 22). É somente na Modernidade, com a sociedade burguesa, com a ascensão da subjetividade e com o sentimento do individualismo, que o “eu” passou a conceder maior importância a sua própria trajetória, lançando-se na produção de “narrativas sobre si”.

Entendendo o século XIX como um “lugar” temporal propício para o “desvelar” da intimidade na escrita pessoal, por possibilitar ao sujeito a criação de uma identidade para si, conferindo à sua vida certa “estabilidade” – comprometida com a fragmentação do “eu” moderno –, este artigo visa analisar o diário<sup>2</sup> íntimo do importante político e intelectual do século XIX, José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), no sentido de delinear a singularidade de sua escrita expressa na

<sup>1</sup> A escrita de si ou autorreferencial integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno. Tem sido utilizada pelos pesquisadores ligados ao tema como forma de indicar certo gênero de escritos que compreende diários, correspondências, confissões, biografias e autobiografias, ou seja, todos os tipos de escritos utilizados pelo sujeito moderno na constituição de uma identidade para si mesmo (GOMES, 2004).

<sup>2</sup> A partir da definição de autobiografia proposta por P. Lejeune, percebe-se o diário, de maneira geral, “como um relato fracionado, escrito retrospectivamente, mas com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o registro, em que um ‘eu’, com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos” (LEJEUNE apud MACIEL, 2004, p. 11). E, diferentemente das autobiografias, grande parte dos diários não é escrita com o intuito explícito de destinar-se à publicação, possuindo, como uma de suas peculiaridades, o *caráter secreto*.

maneira como ele procurou se interpretar, por meio de seu registro autobiográfico, tendo como eixo norteador de estudo a sexualidade.

Couto de Magalhães foi um profissional que atuou a serviço do Império do Brasil. Nasceu na Fazenda do Gavião, em Diamantina, Minas Gerais, em 1837, e morreu no Rio de Janeiro, em 1898. Foi um importante político, militar e escritor brasileiro. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco. Ocupou o cargo de presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo.

Em plena Guerra do Paraguai, assume a presidência da província do Mato Grosso. Nesse período, foi nomeado com poderes especiais de general-em-chefe e presidente da Junta Suprema Militar da Justiça. Por seu vitorioso comando na tomada de Corumbá, adentrou as páginas da história como um grande herói nacional. O último cargo que ocupou no período imperial foi a presidência da província de São Paulo, em 1888. No ano seguinte, com a instauração da República, Couto foi afastado do cargo em razão de suas convicções monarquistas (LEITE, 1936).

A sua trajetória também chama a atenção pela paixão que tinha pela escrita. Redigiu inúmeras obras, dentre as quais se destacam: *A Revolta de Felipe dos Santos em 1720* (1859), *Os Guaianases* (1860), *Viagem ao Araguaia* (1863), *O selvagem* (1876), *Ensaios de antropologia* (1894) e *Anchieta e as línguas indígenas* (1897)<sup>3</sup>. As obras *Os Guaianases* e a *Revolta de Felipe dos Santos* lhe abriram as portas para se tornar sócio do Instituto Histórico Geográfico (LEITE, 1936).

Além de redigir diversas obras destinadas ao leitor, possuía o gosto pela escrita de diário pessoal. O hábito de registrar a vida no papel parecia ser um exercício constante e proveniente de longa data: “[...] todos seus biógrafos afirmam ter sido Couto de Magalhães um escritor compulsivo de diários [...]” (MACHADO, 1998, p. 20).

O diário em análise, organizado por Maria Helena P. T. Machado, foi escrito entre os anos de 1880 a 1887, sendo que a maior parte dele foi redigida quando Couto residia em Londres. Um dos pontos que mais chama a atenção neste documento é a maneira como expressa a sua sexualidade. Por intermédio da escrita de seus sonhos, é possível perceber desejos eróticos não só por

<sup>3</sup> A obra *Anchieta e as línguas indígenas* foi escrita por ocasião do tricentenário do famoso jesuíta.

figuras femininas como também, e principalmente, masculinas.

A análise do escrito autobiográfico desse político recairá em um homem repleto de desejos sexuais – manifestados, principalmente, em seus sonhos – que não compartilhava de certos valores considerados, moral e “cientificamente”, corretos em sua época. Assim sendo, uma das principais riquezas que se encontra no diário de Couto é “o diálogo crítico e tenso que esse personagem manteve com seu tempo” (HENRIQUE, 2008, p. 5).

## 1 Objetivos

O objetivo principal deste artigo é analisar como Couto de Magalhães procurou decodificar os seus desejos eróticos por intermédio da narrativa do seu universo onírico realizada em seu diário, com o intuito de compreender qual a sua visão subjetiva perante o interdito social do século XIX. Desta forma, também é imprescindível entender quais fatores podem tê-lo influenciado na interpretação de seus sonhos realizada de maneira a expressar uma desvinculação com os padrões de normalidade sexual dos oitocentos.

## 2 Couto de Magalhães e a escrita dos sonhos: um ato de (des)velar-se

*[...] nunca me esquecerei de que a normalidade é uma ilusão imbecil e estéril.*  
Fernando Pessoa

A contradição é uma das portas principais de entrada, de acordo com Peter Gay (1999), para se adentrar no processo de entendimento que leva os indivíduos a desnudarem, na modernidade, a sua vida interior, em uma tentativa de compreensão de si e do vivido. O desejo de saber sobre si por meio de escritas tidas como privadas, como os diários íntimos, é realizado em um jogo de querer esconder-se e, simultaneamente, revelar-se, em um movimento contrastante que intercambia entre a discrição e a exploração corajosa.

Em uma época em que os manuais de civilidade impregnavam a sociedade, a maneira de expressar-se nos diários também sofria restrições. Apesar de se prezar pela liberdade na escrita íntima, também impunha-se a essa prática de construção de si a necessidade de controle e disciplina. Estimulava-se que os indivíduos “fossem espontâneos e ao mesmo tempo resistissem à

espontaneidade” (GAY, 1999, p. 351). Ainda que a escrita autobiográfica sofresse algum tipo de contenção, era nela que muitos indivíduos se sentiam mais à vontade para confessar seus desejos eróticos:

[...] naturalmente muitos vitorianos consideravam impróprio registrar no papel seus desejos eróticos. Mas os que não pensavam assim – e estes não eram exceções tão raras e extremas – nos deixaram indicações sugestivas do papel importante desempenhado pela satisfação sexual na vida dos homens. Mesmo as cartas de amor pouco explícitas, carregadas de beijos epistolares e lembranças de amplos deliciosos, sugerem, com suas efusões sentimentais e floreios românticos, a força do apetite sexual. (GAY, 1999, p. 353).

Caminhando ao encontro da ideia exposta por Peter Gay, o diário do general expressa uma sexualidade que aflorava erotismo nos sonhos, principalmente com personagens do mesmo sexo. O desejo de Couto de confessar a sua sexualidade foi alimentado, de certa forma, por sua época. Foucault (1984), em sua crítica à “hipótese repressiva” sobre o sexo, defende que este não teria sido enquadrado, ao longo do século XIX, em um rigoroso processo de restrição e de interdição. Na verdade, estimulava-se a falar cada vez mais sobre o sexo, colocando-o em discurso, recheando-se prateleiras de lojas com livros e artigos que o tinham como assunto principal. Entretanto, de acordo com a teoria foucaultiana, tratar sobre o sexo na sociedade ocidental, ao longo do referido século, era, quase sempre, em termos biológicos, no intuito de dominar as pulsões e as atividades sexuais para classificar o que se configurava como “práticas de normalidade”. Desta forma, estimulado por sua época, que incitava a “falar” e a conhecer cada vez mais sobre o sexo com o propósito de melhor controlá-lo (FOUCAULT, 1984), José Vieira respondeu à petição de saber-poder sobre a sua sexualidade por meio da escrita em seu diário (HENRIQUE, 2008).

Trançando o mesmo caminho trilhado por Henrique, ao analisar a narrativa do universo onírico de Couto de Magalhães, não se pretende, de maneira alguma, interpretar seus sonhos. O exame do material onírico em toda a sua complexidade não possibilita a realização desta tarefa, porque a própria psicanálise ensina que a presença do sonhador é indispensável para a elaboração das interpretações capazes de clarificar o conteúdo das cenas oníricas, que passam, muitas vezes, pelo crivo da censura por serem frutos de desejos reprimidos (FREUD apud MACHADO, 2005). Além disto, a narrativa que

este personagem faz em seu diário não possibilita ao pesquisador ter acesso ao sonho em si, mas a um fragmento dele que, provavelmente, foi alterado pelo processo de rememoração – e pela atribuição de coerência na narrativa ao mundo dos sonhos, que este não contém (HENRIQUE, 2008). Por conseguinte, procura-se compreender a maneira como o próprio Couto interpretou seu universo onírico, desejando atribuir consistência e sentido à própria existência.

É necessário deixar claro que não foi encontrado nenhum documento que pudesse fornecer a certeza de que Couto era, de fato, um homossexual, embora seu universo onírico fosse povoado de cenas “picantes” com personagens do mesmo sexo. Mesmo que não se tenha provas da homossexualidade em sua “vida acordada”, não se pode negar a relevância da análise da escrita dos sonhos, embebidos de um erotismo revelador de uma personalidade em conflito com os valores e as concepções de seu tempo.

A construção do universo onírico de Couto se valia de um vocabulário próprio que mesclava passagens na língua indígena tupi-nheengatu com a utilização de códigos pessoais. Tal codificação era utilizada, essencialmente, quando o general se lançava no regozijo da narrativa erótica dos seus prazeres.

Couto constrói sua narrativa em uma vontade de revelar e, ao mesmo tempo, de camuflar seus desejos mais secretos. Apesar de haver tentado “esconder” as partes mais “picantes” do seu diário no refúgio da língua tupi-nheengatu, ele deixou caminhos para que seu segredo fosse descoberto. No ano de 1876, ao publicar *O selvagem*, dedicou parte significativa desta obra a elaborar ensinamentos pautados no método de Ollendorff<sup>4</sup> que pudessem facilitar o aprendizado do nheengatu.

A atitude de Couto em deixar registrado em seu diário uma tendência homossexual<sup>5</sup>, por meio do relato dos

sonhos, exigiu coragem. Não são raros os casos de perseguição aos amantes do mesmo sexo na História, como o do escritor espanhol Miguel de Cervantes, que foi condenado, em 1569, pelo rei da Espanha, sob a acusação de “homossexualismo”, a ter a sua mão direita amputada, obrigando-o a fugir da Espanha para escapar à punição e levando-o a procurar refúgio em terras italianas (ARRABAL, 1999). O dramaturgo inglês contemporâneo do general, Oscar Wilde (1854-1900), provocou bastante polêmica na época ao ser acusado de sodomia, sendo condenado a dois anos de trabalhos forçados na prisão, onde definhou, morrendo pouco tempo após deixar a cadeia. Este último exemplo demonstra a grande intolerância em relação aos homossexuais nos anos oitocentos, que eram tratados como loucos e pervertidos e sentenciados, muitas vezes, à morte. Então, o ato de José Vieira de confessar a sua sexualidade por meio da escrita autobiográfica era, de fato, um risco que, por sua vez, exigia também bastante ousadia.

Se, em sua escrita do diário, o general demonstrou certa irreverência, desafiando os valores e concepções de sua época, ao deixar registrada uma tendência homossexual, na sua vida pública também teve atitudes que negavam, até certo ponto, os padrões de normalidade disseminados no século XIX. Diferentemente da ordem apregoada pela medicina social nos oitocentos para a qual a normalidade se expressava em uma família nuclear – com pai, mãe e filhos –, Couto de Magalhães assumiu uma postura “original” ao se declarar orgulhosamente um “solteirão” convicto. Os homens que não se casavam e os homossexuais eram discriminados pela sociedade, por comprometerem a lógica da reprodução e, desta

---

primeiro ponto a destacar é que a utilização do referido termo não é anacrônica, já que foi empregado, pela primeira vez, em 1869 – quando o general tinha 32 anos – pelo jornalista Karl Maria Kertbeny, para proteger os direitos dos amantes do mesmo sexo que estavam sendo condenados à prisão com base em parágrafo do Código Penal Alemão. Segundo aspecto a salientar: quando Karl empregou a palavra homossexualismo, esta não detinha a carga negativa que lhe foi atribuída posteriormente pela medicina social. O jornalista defendia que a homossexualidade era uma condição inata, não adquirida, portanto era um absurdo criminalizá-la (HALPERIN, 2003). Dessa forma, assim como Henrique (2008), acredita-se que a utilização do termo homossexual não constitui anacronismo, no sentido de ser contemporâneo a Magalhães, e também não acarretava o sentido pejorativo de anormalidade doentia, que só lhe foi atribuído tempos mais tarde.

---

<sup>4</sup> O Método de Ollendorff é um modelo pedagógico de ensino das línguas estrangeiras a adultos, que foi desenvolvido por Heinrich Gottfried Ollendorff (1802-1865). Esse método se baseia no princípio de que as línguas estrangeiras devem ser ensinadas da mesma forma que uma criança aprende a língua materna (COUTO DE MAGALHÃES, 1975).

<sup>5</sup> Em decorrência do caloroso debate que cerceia a temática da orientação sexual, faz-se necessário explicitar a escolha do uso da palavra “homossexual” para caracterizar a tendência sexual expressa por Couto em seu universo onírico. O

forma, a própria sobrevivência da espécie humana. Afora isto, como destaca Mott, “não quis esconder que foi pouco convencional em questões de moral sexual: solteirão convicto, reconheceu em seu testamento a paternidade de três filhos naturais” (2003, p. 174). Nesta época, pior que negar-se a casar era, talvez, ter filhos e não criá-los, pois tal atitude comprometia, diretamente, os preceitos cristãos e da medicina social de uma família higienicamente tratada.

Couto de Magalhães parecia não se incomodar em assumir atitudes públicas contrárias à doutrina cristã. Sua aversão aos cânones da Igreja Católica foi tamanha, que seu amigo, o jornalista mineiro Horácio de Carvalho, descreveu com as seguintes palavras o posicionamento depreciativo de Magalhães em relação a esta instituição:

Dando pasto à sua paixão, para Couto os maiores males sociais vinham da gente neutra de Roma, do padre, que é o símbolo da hipocrisia e do obscurantismo, da irracional instituição da roupeta. Fulminava-os sem dó, sentindo não poder eliminá-los da sociedade, extirpá-los do gênero humano, como se extirpa um cancro, brutalmente, a ferro cortante (CARVALHO apud LEITE, 1936, p. 138).

Contrariando os discursos cristãos e da medicina social de seu tempo, que viam o sexo apenas como um ato reprodutivo, o general lançou mão de sua pena para empreender, novamente, outra atitude irreverente: adentrou no mundo perigoso da escrita erótica ao redigir um romance intitulado *As fantasias devassas do dr. Calmiru*.

Logo no título do livro, observa-se que a escrita tenderá a abalar as estruturas morais da sociedade. A devassidão, abominada pela Igreja e pelos agentes higienistas, que se constituía como uma grave perversão sexual, considerada um sério desvio de caráter por se mostrar um entrave à civilização da conduta, foi justamente a expressão escolhida por Couto para figurar como “porta de entrada”, com a finalidade de seduzir os leitores a um “mundo narrativo” que, provavelmente, confrontaria os padrões sexuais de normalidade de sua época.

O romance parece constituir uma espécie de narrativa autobiográfica. Machado refere que a história retrata “ao que parece, episódios reais ocorridos em suas viagens pelo interior do Brasil [...]” (1998, p. 116). “Escondendo-se” sob o nome de Dr. Calmiru, Magalhães, provavelmente, se valeu desta obra para expressar as “fantasias devassas” que povoavam a sua

mente juvenil quando estava em meio aos sertões brasileiros, e que, na maturidade, se expressavam, principalmente na forma de sonhos, como pode ser comprovado na análise do seu diário.

É importante destacar que, embora as atitudes de Couto fossem audaciosas, a quebra dos padrões vigentes exigia sempre exposição, sofrimento e, muitas vezes, solidão. Em seu diário, o general não faz referência a muitos amigos pessoais em que pudesse realmente confiar. Talvez a solidão o tivesse incitado à prática do registro autobiográfico. Muitos diaristas afirmam que “sentir-se só” foi o principal motivo que os levou a “desvelar o seu coração” na escrita íntima. Por exemplo, em seu diário, Alice James, “a brilhante irmã inválida de William e Henry James”, afirma, em maio de 1889, que o diário era um amparo diante da sensação de isolamento: “Penso que, se puder adquirir o hábito de escrever um pouco sobre o que acontece, perderei um pouco este sentimento de solidão e desamparo que me acompanha” (JAMES apud GAY, 1999, p. 364).

A forma como o general procurou interpretar seus sonhos também é um fato que chama a atenção, por sua originalidade. Em uma época em que os homossexuais eram malvistas pela sociedade, considerados disseminadores de pecado pela Igreja e doentes do “instinto sexual” pelo discurso médico (FOUCAULT, 1984), José Vieira descreveu seus sonhos eróticos com personagens do mesmo sexo, de forma natural e espontânea, sem atribuir-se nenhum rótulo negativo. Demonstrou uma postura singular diante dos ditames morais em vigor, ao decodificá-los, como assinala Henrique (2008), sem nenhum sentimento de culpa ou de autocondenação.

No sonho com um tal de Leonardo, por exemplo, datado do dia 17 para 18 de fevereiro de 1881, o sonhador expressa sensação de “grande alegria” no seu relato, por querer fazer sexo com um personagem masculino, não emitindo qualquer tipo de sentimento de autorrepressão:

Sonho depois com o Leonardo, e era um outro lugar *Iche chaputari omahe oputari*. Observação: Sensação de prazer vendo o rústico castelo francês; o rio, e água. Sensação de grande alegria pelo encontro com o Leonardo. Esse já é falecido; mas no sonho eu não tinha a consciência disso. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 202).

A passagem em *nheengatu* significa: “eu quero fazer sexo com ele e ele comigo” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 202).

Na análise do relato da sua vida “acordada”, é possível observar a sua vontade de confessar a sua sexualidade, tendo, porém, o cuidado de não explicitá-la totalmente: “[...] vi na ponte um jovem melancólico encostado a um poste de lampião que me despertou certas curiosidades [...]” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 105). Parece que o general construiu sua narrativa deixando pequenas “pistas” para que um leitor mais atento pudesse “achar” o caminho para desvelar os seus desejos mais íntimos. Na verdade, seu diário parece ter sido escrito com o propósito de ficar para a posterioridade, talvez em uma tentativa de compreensão futura, em que a visão “do outro” em relação ao seu universo onírico estivesse desvencilhada da carga pejorativa que impregnava a mentalidade oitocentista em relação aos amantes do mesmo sexo.

Apesar de os seus sonhos serem em geral com homens, ele também registrou prazeres oníricos com o sexo oposto. Na noite de 28 de fevereiro para o dia 1 de março, por exemplo:

O primeiro sonho foi com uma rapariga de grande cabeleira, ama de uma mocinha de doze ou treze anos, que me deixou impressão amorosa. [...] Observações: na primeira parte do sonho noto que *iche cha assassau ce po cunha mieu Kb.* \*\*\* *sui*, cheirei e senti o cheiro de *tix.*\*\*\*, portanto não é exato o que alguns observadores têm dito, isto é, que não se sente cheiro em sonhos. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 208).

Couto expressa, na língua indígena: “passei a mão no seio da mulher [...] *tix.* \*\*\*[...]” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 208).

Ou, ainda, em outro momento:

**Domingo de manhã – 22 de agosto de 1881**<sup>6</sup>. A noite passada ou, antes, esta madrugada, *ixa xa maité (okeri ána ramé) que ixé xá men’ oipé cunha pixuma.* [...] *Iche cha reko reté oyumuín cana omi ar! Se \*\*\* reté Ana. Xa caká rame sainha \*\*\* sui cetá cõo aiqueãna* (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 87).

<sup>6</sup> Couto provavelmente deve ter se equivocado no registro dessa data: em vez do ano desse registro ser de 1881, na verdade ele é de 1880. Neste ano, o general, no mês de agosto, escreve religiosamente, praticamente todos os dias, seguindo uma ordenação cronológica dos registros bem-definida.

Em português: “eu sonhei que estava fazendo sexo com uma mulher preta. [...] “Eu estava bem escondido fazendo sexo! [É] muito gostoso \*\*\*. Enquanto eu tirava de seu caroço [vulva] \*\*\*, ela ficava como um animal (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 87-88).

Na vida acordada, contudo, diferentemente do mundo dos sonhos, Couto parecia que não tinha muito prazer na companhia de uma mulher. Lily Grey, sua amante em Londres, é registrada com certa insatisfação. Referia-se a ela, sempre, com uma opacidade de sentimento afetivo e com termos pejorativos: histérica, mal-humorada, impaciente, de má têmpera e cabeça oca. Tanto na sua relação com Lily como na recordação dos casos que teve com uma mulher no Araguaia e outra no Pará, as experiências parecem ter sido um grande fardo para o general, fazendo-o refletir se tinha mesmo alguma vantagem em ter a companhia de uma figura feminina em sua vida:

Tenho ultimamente discutido comigo mesmo se há ou não vantagem em ter a companhia de uma mulher. Há dois anos que eu conservo tal companhia e realmente não tenho juízo formado. No Araguaia eu tinha essa companhia, e uma vez só me vieram saudades disso. A que tive no Pará igualmente não deixa saudades; a que tive em Londres, a mesma coisa. Para o meu gênio independente e pontual é um pesadelo, escravidão disfarçada que me tira grande parte do meu tempo e que me dá compensação pouco satisfatória. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 125-126).

A característica singular do diário de Couto se expressa na negação dos ditames do período oitocentista. No século XIX, a medicina e a justiça buscavam atribuir “o sexo verdadeiro” aos indivíduos desse período, procurando impor uma única e verdadeira identidade sexual, que se manifestaria pelo desejo pelo sexo oposto, sendo que as pessoas que desvirtuassem este comportamento eram taxadas por diversos tipos de perversões sexuais (FOUCAULT, 2006).

Nesse tempo, acreditava-se que, para a efetivação da manutenção da ordem social, era preciso lançar um olhar vigilante e coercitivo sobre a conduta de homens e mulheres, para que estes desempenhassem o papel adequado que lhes fora designado desde o nascimento: feminino ou masculino. Esperava-se, portanto, que os indivíduos soubessem se portar, vestir e falar de forma adequada ao padrão comportamental construído de acordo com o seu sexo (ELIAS, 1994).

Na acepção da medicina higienista do século XIX, qualquer atitude que pusesse em risco tal lógica deveria ser extirpada, por representar um grave perigo à ordem social. Goiás não fugiu às regras deste pensamento: no relatório da Secretaria de Polícia da cidade de Goiás, redigido em 1872, é possível perceber a intolerância em relação aos atos que “corrompiam” o papel social atribuído a homens e mulheres, que eram punidos com prisão:

Aos dezesseis do mês de fevereiro de mil oitocentos e setenta e dois, nesta Cidade de Goiás, em Secretaria de Polícia, onde se achava o Senhor Doutor Nicolau Afonso de Carvalhi, Chefe de Polícia de Província, comigo amanuense interino adiante nomeado compareceu Francisca e pelo mesmo Senhor Doutor lhe foram feitas as seguintes perguntas.

Qual seu nome, idade, estado civil, profissão e residência? Respondeu que chamar-se Maria Francisca e ignorar a idade que tem, ser solteira, morar à rua nova do Presidente desta Cidade e vive de suas costuras. Qual motivo e porque foi presa? R. Que ontem às 11 horas da noite, ela responde acla, digo, saia [sic] de casa em companhia de Sophia - Maria, a qual mora com ela respondente, quando foram presas, às porta de casa. P. **Por que tendo ela saído respondente e sua companheira saído simplesmente à passear foram presas?** R. **Por estar Sophia vestido de homem.** P. donde vinha ela respondente, e Sophia quando foram presas? R. Que da venda de Raimundo de tal, situado no Rotentem. [...] P. **Se Sophia tem costume de chegar vestida de homem?** R. Que não sabe porquanto mora com ela a menos de mês, e durante esse tempo somente ontem viu semelhantes trajés. P. Se foi unicamente para passear que ela saiu unicamente acompanhada dela informante saíram em uma noite chuvosa, encontrando-se muito das vezes com as patrulhas, havendo, digo, sem reçar ser presas? R. Que ela saiu unicamente para acompanhar Sophia, sua companheira de casa, e **que ela respondente ignorava que fosse proibido andar uma mulher vestida de homem**, o que devi saber Sophia que é desta e não ela respondente que se acha aqui cinco meses.

Nada mais dizendo e nem lhe se perguntado mandou o Senhor Doutor Chefe de Polícia lavrar o presente termo que assina João Bonifácio Marque Fogaça – rogo da respondente por não saber ler e nem escreve. Eu Fernando Morreti Foggia – amanuense interino escrevi. (Documentos avulsos: caixa 273, maço justa, grifos meus).

A vestimenta é um importante meio de distinção sexual. Sophia, ao usar publicamente roupas características do universo masculino, punha em risco uma ordenação coletiva baseada em fronteiras rígidas construídas ao redor de um *ethos* feminino e masculino que se revelava na maneira de se vestir, expressando uma moralidade que determinava as regras de conduta reguladoras do comportamento em função do sexo.

Um caso semelhante é mencionado no diário de Couto de Magalhães. Este relata ter lido em um jornal londrino um episódio que comentava sobre a “prisão de 47 indivíduos que estavam em um baile de máscaras em Manchester, sendo que 22 estavam vestidos de mulher e [foram] presos porque dançavam o *cancan*” (1998, p. 118), fato que também demonstra a intolerância em relação à construção social identitária referente a um *ethos* feminino e masculino, revelando-se no corpo e no uso que se faz dele.

O desnudar da vida de Couto possibilita perceber um homem em constante conflito com os valores morais de sua época. No correr da pena, criou um “mundo”, por intermédio do seu diário, em que a anormalidade, de forma alguma, caracterizava os desejos manifestos em seu universo onírico. Sua escrita revela, portanto, uma originalidade, por ser um processo de autoconhecimento desvinculado dos padrões morais do século XIX.

### 3 A originalidade interpretativa de Couto de Magalhães ante seu universo onírico: influência das culturas indígenas

Márcio Couto Henrique (2009), no artigo intitulado “A rainha e o general: uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães”, defende a ideia de que a originalidade interpretativa de José Vieira em relação ao seu mundo onírico pode encontrar vias compreensivas no pensamento da Grécia Antiga. Na sua opinião, a leitura de uma gama de autores da Antiguidade – como Hipócrates, Juvenal, Galeno, Horácio, Virgílio e filósofos epicuristas – provavelmente teria influenciado o general, de forma decisiva, na maneira como procurou decifrar seu universo onírico:

Pode-se pensar que essa postura diferenciada de Couto de Magalhães diante dos valores morais de sua época, presente, por exemplo, na ausência de julgamento moral na interpretação de seus próprios sonhos, tem relação com a familiaridade que ele possuía com a literatura do mundo clássico. Nesse sentido, a interpretação pessoal de seus próprios sonhos e/ou experiências com outros homens pode estar muito mais informada pela experiência da pederastia entre os gregos do que pela perspectiva médico-higiênica que circunscrevia tais práticas ao campo do ‘homossexualismo’, com toda a carga preconceituosa que este termo carregava em fins do século XIX. (HENRIQUE, 2009, p. 595).

Porém, conforme Henrique vai formulando seu argumento ao longo do texto, algumas contradições vêm à tona. Primeiramente, quando Foucault analisou a

questão dos sonhos na Antiguidade, estudou um escritor grego denominado Artemidoro, sendo que este nem foi citado no diário de Couto, reconhece Henrique. A maneira pela qual este autor grego sugere que o sonhador deve decodificar seu mundo onírico parece não ter relação alguma com a forma como o general procurava decifrar o seu. Além disto, a literatura grega a respeito dos sonhos não parecia lhe despertar grande atrativo. Muito pelo contrário: demonstrou algum desagrado com a obra *Tratado dos sonhos*, do grego Hipócrates, que, de acordo com ele: “não [...] pareceu grande coisa” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 189).

Artemidoro formulou um verdadeiro manual da arte de sonhar em que o mundo onírico tinha relação direta com a questão social. O texto atribuído ao escritor grego afiança que os sonhos estão envoltos em codificações que se processam em uma relação de dominação que apresenta toda uma “significação social”. Em um sentido prognóstico do social, a posição sexual de dominado (penetrado) no sonho era um mau presságio: “Colocar-se ‘por baixo’ do seu serviçal, inverter no sonho a hierarquia social significa mau augúrio: é o sinal de que se sofrerá, por parte desse inferior, um dano, ou desprezo” (FOUCAULT, 2006b, p. 177). Entretanto, se a posição do autor do sonho fosse de possuidor, era um sinal de que algo de bom lhe poderia acontecer. A posição de penetrado é garantia de bom presságio, “[...] se ele for possuído por homens mais velhos e mais ricos que ele”, pois a cena onírica pode ser interpretada como uma “promessa de presentes”: o sonho “é ruim, se o parceiro ativo for mais jovem e mais pobre – ou apenas mais pobre: sinal efetivamente de gastos” (FOUCAULT, 2006b, p. 178). Portanto, “o sonho sexual pressagia o destino do sonhador na vida social: o ator que ele é na cena sexual do sonho antecipa o papel que será o seu na cena familiar, na do trabalho, dos negócios e da cidade” (FOUCAULT, 2006b, p. 183).

Em seu universo onírico, Couto praticava o ato sexual não somente com pessoas mais velhas e/ou ricas – que, de acordo com Artemidoro, era sinal de bom presságio –, como também sonhava com pobres, jovens, indígenas, negros, dentre outros, sem demonstrar nenhum incômodo de ter sido penetrado por estas personagens. E a hierarquia onírica, destacada por Artemidoro entre sujeito ativo e passivo nos sonhos, parece não ter a menor importância para o general. O material onírico de

José Vieira dá pistas de que, para ele, não fazia diferença entre ser “o penetrado” ou “o penetrador”, o que importava era a sensação de prazer.

Em alguns momentos, Couto de Magalhães aparece na condição de sujeito “ativo”, como no sonho com Timóteo de Goiás, de 18 para 19 de fevereiro de 1881: “[...] com o Timóteo a cena foi a seguinte: *iche aput. Reté amé ahe; ce rac. Sant. Ahé oputá oyum. x. p.*” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 203). O trecho em nheengatú significa: “eu quero muito fazer sexo com ele, meu galho preto endurecido quer estar escondido no ânus p” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 203-204). A palavra *sakanga* ou *rakanga* (registrada como *rak* ou *rac* no diário), como esclarece a autora Maria Helena Machado (1998), significa galho, em nheengatú, mas ele a utilizava no sentido metafórico de pênis.

Em outras situações, Couto aparece de forma mais clara na condição de “passivo” ou “subordinado”, como pode ser percebido no registro de sonho que teve com um tal de Capitolino, também na noite de 18 para 19 de fevereiro de 1881: “Capitolino: No sonho *oiko \*\*\* pupé apohu saksanipuxuna sakanga pupé apohu ramé sakiche ce rori catu. Aramé iche onhahen ixupe: chaputchanndo x.pu – Ahe osuachara?: Icatú*; antes, porém, vamos fumar. Procurando o fumo e o papel para os cigarros, acordei” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 203-204). Trecho em nheengatú: “ele pegava \*\*\* dentro o galho preto e endurecido enquanto eu também pegava seu galho dentro e estava muito alegre. Então falei para ele: Quero que amarres minha mão, ao que ele respondeu (?): está bem.” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 204).

Observa-se que, seguindo um caminho contrário à análise empreendida por Artemidoro, nessa cena onírica em que ambos os personagens do sonho pegavam o “galho” um do outro, Couto não demonstrava nenhum tipo de sentimento ou julgamento moral de dominação e hierarquia. O sujeito sonhador-narrador queria fundamentalmente expressar a alegria desta cena, não aparentando sentir incômodo algum em adotar uma posição de “passividade” em relação ao seu parceiro, ao ter suas mãos amarradas por este.

Outro fato que faz supor que os valores da Antiguidade Clássica não influenciaram de forma decisiva a narrativa de Couto a respeito da sua vida onírica, é que dentre as

mais diversas técnicas de chegar ao prazer, constam registros de sonhos no diário que fazem referência ao erotismo oral, prática sexual não raras vezes malvista na Grécia Antiga (FOUCAULT, 2006b). Em um desses sonhos, o narrador/sonhador relata, no registro do dia 18 para 19 do mês de fevereiro de 1881:

Herman da Silva: Este, eu conheci em Londres. No sonho segui eu em passeio com ele. *Ariré ya oiko oipé casa pupé; iche cha ame oiko rete ahe\*\*\* ce rakoyumuquau i barriga pupé; ariré iche* tirei-a para fora, e rasguei a calça de algodão americano branco *amearama itimân pupéIche amahen oiko akanga ce rak opuxuna putera icatú*, porém *inti apauana*. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 204).

O trecho em nheengatu significa: “Depois estávamos numa casa; dava com meu galho\*\*\* em sua barriga; depois [...] para fazer sexo em sua perna. Dei a cabeça de meu galho preto, [ele] chupa bem [...] não acabei.” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 204-205).

Em outra narrativa dos sonhos em relação ao prazer oral, realizada na noite do dia 27 para 28 de fevereiro de 1881, Couto escreve:

De ontem para hoje sonhei com o Aarão, aquele meu escravo que vendi em Cuiabá, com o Luís, e com aquele negro da Arábia que conheci em West India Road – ele estava deitado em umas lapas, com as costas viradas para fora. *Ahe oymuquau Ana oiko i\*\*\*e pitera cati man cha mahen sak. Sant. Turussú opixuna* alumando, e o rego fendido e as chapeletas proeminentes como um desenho que tenho. *Ahe oiko iche* para atrás e o que [eu] avistava era somente a cabeça negra e calva. *Ahe\*\*\* oiko*. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 206).

Em português: “Ele está na água enlouquecido\*\*\* e chupa bem, vê-me dar o galho duro, grande, preto [...]. Ele está comigo [...] Ele\*\*\* está.” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 50).

Couto de Magalhães, contrário à moral do mundo clássico – que, de acordo com Paul Veyne (1987), via na felação uma conduta sexual abominada –, em nenhum momento da narrativa se sentiu envergonhado ao registrar suas atitudes eróticas em sonhos, mesmo havendo em ambas as cenas oníricas a condição de quem recebe o sexo oral.

Portanto, trilhando outra via de compreensão diferente da traçada por Henrique (2009), no intuito de tentar entender a maneira como Couto de Magalhães decodificou seus sonhos, sem julgamento moral e/ou autocondenação, demonstrando originalidade em relação

aos valores e concepções de sua época, alguns indícios deixados no diário levam a crer que essa atitude do general diante de seu universo onírico talvez seja proveniente da influência dos valores das culturas indígenas com que manteve contato quando fora presidente das Províncias de Goiás, Pará e Mato Grosso.

A leitura da obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, é de fundamental importância para lançar novas luzes interpretativas a respeito do universo onírico de Couto. Freyre (1980), ao analisar o papel da homossexualidade na esfera social das culturas indígenas, principalmente antes da chegada dos europeus, observou que, em muitas destas comunidades, a visão a respeito dos amantes do mesmo sexo era totalmente discrepante daquela compartilhada pelos padrões europeus do século XIX.

Na interpretação de Freyre (1980), a homossexualidade, nas culturas indígenas americanas, era respeitada e mesmo venerada e muitos homo e bissexuais em geral tinham poderes e funções de místicos, curandeiros, pajés, conselheiros, em várias etnias americanas. Portanto, os homossexuais eram vistos como indivíduos de forte influência e sugestão mística, sendo que as relações íntimas entre homens e mesmo entre mulheres eram encorajadas em muitas destas culturas.

Em consonância com o pensamento de Freyre, o antropólogo Alexander Goldenweiser (1929), ao estudar os iroquois da América do Norte, atesta que, entre estes indígenas, os homossexuais eram benquistos, encarregando-se também de funções místicas:

Numerosos registros atestam a presença de várias tribos de homens efeminados que evitam ocupações de homens e desprezam atividades masculinas; eles vestem-se como mulheres e participam de atividades femininas. Não raramente esses homens vão se tornar os magos e profetas. (GOLDENWEISER, 1929, s/p).

A noção de pecado em relação ao sexo foi introduzida no Brasil com a chegada dos jesuítas. As relações sexuais entre os amantes do mesmo sexo, a sodomia e a poligamia não eram vistas, por uma significativa parcela das etnias indígenas que habitavam o território brasileiro, como práticas sexuais anormais ou de perversão. Estas noções foram ganhando forma na sociedade brasileira, principalmente nos discursos e nas ações da Igreja Católica, que, por meio do Tribunal do Santo Ofício, condenou, por crime de sodomia, diversos

indígenas que mantinham relações homossexuais (FREYRE, 1980, p. 252).

Há indícios que levam a acreditar que a cultura indígena pode ter interferido na maneira como Couto interpretava seus sonhos, sobretudo a própria forma como o general empreende a codificação do seu mundo onírico, ou seja, as partes mais “picantes” do diário estão codificados em tupi-nheengatu, uma língua indígena. Dentre os diversos idiomas dominados por Couto – francês, inglês, alemão, latim, castelhano –, a ação de escolher a língua indígena como um recurso linguístico para cifrar os seus anseios eróticos, ainda que inconscientemente, já demonstra uma intencionalidade. A codificação na língua indígena é, antes de tudo, uma forma de Couto de Magalhães tentar compreender a si mesmo. Ao cifrar seus sonhos em tupi-nheengatu, ele provavelmente estava tentando emergir em um sistema de valores e tradições, como os das sociedades autóctones, em que seus desejos eróticos não o configurariam como louco e/ou pervertido.

Tem-se consciência, obviamente, da diversidade de etnias autóctones que habitavam o território brasileiro e das discrepâncias entre as suas culturas, mormente na pertinência deste estudo, a sexualidade. Por isto, busca-se levantar alguns estudos que analisem a prática da homossexualidade nas etnias indígenas. Baseando-se em estudos de monografias antropológicas e históricas consagradas, Mott (1994) apresenta uma lista de etnias indígenas da América Latina e Caribe, nas quais se tem evidências, arqueológica, histórica, etnográfica ou linguística comprobatórias da prática da homossexualidade. No Brasil, ele mapeia as seguintes etnias: “boróro, tupinambá, guatos, panaré, wai-wai, xavante, trumai, tubira, guaicura, xamico, kainagaig, nambiquara, tenetehara, yanomani, mehinaku, camaurá, cubeo, guaiaquil”<sup>7</sup>. Analisando o livro *O selvagem* (1975), observa-se que Couto de Magalhães afirmava ter tido contato com algumas comunidades presentes na lista de Mott, como os tupinambás, os guatos, os guaicurus, os xavantes, dentre outros.

O livro *Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d’um roteiro da viagem da sua capital a’ S. Paulo* (1869), do comerciante Joaquim Ferreira Moutinho, também informa a prática da

homossexualidade entre os kadiwéu, no século XIX, que, de acordo com o autor, é uma das sete aldeias pertencentes à “nação dos guaycurus”: “Entre os guaycurus é muito usual o vício da pederastia e os seus – kudinas – usam enfeitar-se muito, e tomam gestos feminis. Em outras tribus notamos a mesma abominação.” (MOUTINHO, 1869, p. 202).

No livro *O selvagem* (1975), Couto afirma ter tido contato com a comunidade dos kadiwéu, na época da Guerra do Paraguai, recebendo grande auxílio do chefe desta aldeia, o capitão Lapagate, no combate contra os paraguaios:

Defronte de Assunção do Paraguai, o índio *Pajaguá* domina na região dos pantanais, ou Chaco, como lhes chamam os espanhóis. Acima da fronteira do Apa, para o norte, domina com diversos nomes a nação *Guaicura*, os índios *Cavaleiros*; um dos chefes – da subdivisão conhecida pelo nome *Caldiués* – o capitão Lapagate, foi nos sempre de não pequeno auxílio na guerra e de grande dano às guarnições da fronteira Paraguai do Apa. (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 97).

Em seu estudo, Darcy Ribeiro, no texto, *Lições de humanismo dos índios do Brasil*, ao analisar os kadiwéus, com os quais conviveu à época de sua participação nas expedições de Rondon Pacheco, esclarece que, no século XIX, têm-se:

[...] documentos [...] sobre a existência de homossexualismo entre tribos do Brasil. Inclusive entre os kadiwéu que eu estudei. Eles chamam o homossexual de kudina. O kudina é um homem mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher [...] (RIBEIRO, s/d, p. 46).

Ao interpretar essa comunidade indígena, Darcy Ribeiro informa que a visão do grupo sobre os homens que assumem o papel social de mulher na comunidade dos kadiwéus, os *kudinas*, não era pejorativa, muito pelo contrário: o *kudina* “é uma figura absolutamente aceita, integrada no grupo [...] o grupo reconhece que eles em geral são grandes artistas. São tão aceitos quanto os guerreiros” (s/d, p. 46).

No livro *O selvagem*, Couto defende que o êxito de seu estudo a respeito das comunidades autóctones seria alcançado somente no contato direto com elas, sendo necessário ir a campo para conhecer e aprender as suas línguas, suas tradições e seus modos de vida, no sentido de evitar quaisquer leituras que lhe pudessem dar “opiniões preconcebidas” a respeito dos autóctones:

<sup>7</sup> Disponível em:

<<http://www.oocities.org/br/luizmottbr/artigos06.html>>. Acesso em: 2 set. 2012.

Nas informações que passo a dar a este respeito, não produzo nada que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado ler sobre o assunto, não por que desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu, mas por que, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhe as páginas com opiniões preconcebidas e formadas em gabinete. (1975, p. 61).

A aproximação de Couto com as diversas etnias indígenas levou-o a formular opiniões, de certa forma, originais a respeito das culturas destas comunidades, sempre tentando valorizar a questão do respeito ao modo de vida empreendido por elas. Quanto ao aspecto da sexualidade, o posicionamento do general a respeito da poligamia indígena – mais especificamente, quando retrata, no livro *O selvagem*, a comunidade dos caiapós – chama a atenção para a sua postura diferenciada perante os valores morais da sociedade desta época, ao não demonstrar nenhuma visão condenatória em relação a tal prática sexual:

Não se entenda por comunismo de mulheres alguma coisa semelhante à prostituição. [...] Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazê-lo exclusivamente depender da vontade dos dois, pode ter e efetivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaisquer, porém, que eles sejam, não é prostituição; é um modo de ser da família, que eles julgaram melhor, segundo suas ideias e meios de vida. (1998, p. 77).

Portanto, é perceptível, nesta obra, a admiração que Couto sentia pelas várias etnias indígenas que habitavam o território brasileiro, construindo toda uma argumentação em defesa delas:

Contra o pressuposto de que os índios falam uma gíria sem leis, nem regras; de que não têm ideias morais, sentimento de religião; de que são indolentes e preguiçosos, protestam: a bela língua tupi, suas admiráveis instituições de família, suas tradições e crenças religiosas, sua extrema atividade na pesca, na caça e na guerra, únicos trabalhos cuja utilidade compreendem. [...] É uma grande raça, repito. Temos muito a ganhar pondo-nos em contacto com ela pelo órgão indispensável do conhecimento de sua língua. (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 136).

Na obra em questão, o general traça uma paisagem de puro prazer com relação ao mundo natural dos autóctones. O selvagem e o mestiço são apresentados como seres sensuais, livres, autossuficientes e repletos de coragem. Couto expressa, desta forma, uma empatia com o modo de viver indígena, ao demonstrar uma visão mais otimista sobre o elemento nacional. Esta visão

positiva do mundo natural do indígena pode também ser vislumbrada no seu livro *Viagem ao Araguaia*:

Era fantástico o aspecto de nosso pouso: os fogos acesos aqui e ali desenhavam as formas gigantescas dos buritis e davam um aspecto selvagem ao vulto dos soldados que passavam por diante deles; as camas eram redes amarradas pelos galhos das árvores, e em grupos curiosos. Só eu gozava do privilégio de uma maca. Nosso teto tem sido o azul do firmamento, belo e cheio desse encanto melancólico que lhe costuma dar paz imponente, tão diversa do ruído inquieto e buliçoso das grandes cidades [...]. Lá nunca há de chegar o pé humano; mas nosso poderio manifesta-se ainda aí; apesar dessas brenhas inacessíveis, a ave pode ver de repente interrompido seu voo pela bala certa do caçador sertanejo. (1974, p. 73-74).

Couto construía o sertão como um mundo livre e sedutor, porém ameaçado pela presença do homem branco civilizador. A natureza era um universo convidativo para a realização de práticas sexuais abominadas pela moralidade burguesa que impregnava as cidades do século XIX.

Couto, porém, não era o único viajante seduzido pela sensualidade do sertão. Ao analisar a *História de uma viagem ao Brasil*, de Jean de Léry, Michel de Certeau demonstra como a literatura de viagem edificou uma imagem do selvagem e de seu universo como o lócus do prazer (MACHADO, 2005). O sertão, portanto, era “o retorno sob a forma estética e erótica, daquilo que a economia de produção teve que recalcar para se constituir”, situando se, assim, “na junção de um interdito e de um prazer” (CERTEAU apud MACHADO, 2005, p. 133).

A visão do sertão como um mundo situado na “junção do interdito e do prazer” também povoa a escrita do diário de Couto. Neste documento, vislumbramos sonhos que trazem as reminiscências de suas experiências passadas, de uma época feliz em que vivia em meio às matas brasileiras com seus habitantes.

Observam-se, nos sonhos de Couto, cenas eróticas com indígenas, brancos e, principalmente, com negros. Mesmo demonstrando uma posição contrária à contribuição do negro na composição da população brasileira, concebendo-o, em suas obras *Viagem ao Araguaia* (1974) e *O selvagem* (1975), como uma raça primitiva e degradada, isto não o impediu de torná-lo o seu principal objeto de desejo erótico-onírico.

O erotismo que cerceia o imaginário social brasileiro a respeito do corpo do negro, especificamente no tocante à

grande espessura de seu órgão genital, também parece povoar o universo onírico de Couto (HENRIQUE, 2008). No sonho com seu escravo Arão – já citado –, é possível observar um tom de satisfação na narrativa do general ao visualizar o “galho duro, grande e preto” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 2.006) de seu parceiro, com o qual se envolvia sexualmente na cena onírica.

Essa hipótese pode ser reforçada na análise do seu livro *O selvagem* (1975), quando Couto salienta o tamanho avantajado do órgão sexual dos negros: “Na raça primitiva e escura há uma variedade que se distingue tanto pelo seu exagerado desenvolvimento do pênis que os mesmos selvagens a caracterizavam por esse sinal” (1975, p. 62). Tal “particularidade” corpórea que Magalhães acreditava terem os negros, provavelmente o influenciou a alimentar nos sonhos um aguçado desejo sexual.

A sensualidade que Couto percebia no mundo natural permeia também, de forma significativa, a escrita de seu diário. Em concordância com a opinião de Maria Helena Machado, o substrato existencial do diário “[...] não provinha da vivência intelectual e afetiva do Brasil do Sudeste cafeeiro, que tratava de se urbanizar e europeizar, mas inspirava-se numa visão idílica e sensual da vida livre dos sertões e dos selvagens e mestiços que os povoavam” (1998, p. 22).

O significado do seu universo onírico parece se pautar mais em suas experiências de vida, de um mundo já conhecido, respeitado e admirado, os sertões brasileiros<sup>8</sup>, do que em supostas leituras sobre a Antiguidade Clássica, de autores que Couto sequer mencionou em seu diário.

A empatia que ele manifestava possuir com as lembranças desse mundo natural que povoavam a sua vida onírica também pode ser observada em um ponto que, à primeira vista, parece insignificante – a datação. Um fato peculiar a notar no diário é que a maioria das datas é escrita na língua inglesa. Contudo, quando José Vieira se dedicou ao relato da sua vida onírica, na parte do diário intitulada *Diário de sonhos*, diferentemente do que ocorre com os registros do restante do diário, em

especial aqueles feitos quando estava em Londres, a maioria das datas está escrita em português. Deste fato, pode-se levantar uma hipótese: no momento do relato dos sonhos, o general já não se sentia tão sozinho, como demonstrava ser em todo o diário, sem amigos, parentes ou amores, pois os sonhos traziam proximidade com um universo daquilo que ele já havia conhecido na lembrança de um passado feliz, com seus cenários naturais que o fizeram galgar a fama de grande desbravador e empreendedor e, acima de tudo, herói nacional, portanto, era um mundo com o qual ele se identificava.

Por isso, a criação de novas realidades, pela escrita do diário, que pudessem ser um refúgio à solidão ganhava a possibilidade de concretude inovadora quanto à decodificação dos sonhos em relação aos ditames morais do século XIX, graças, fundamentalmente, às referências ao mundo natural dos indígenas que o general tanto apreciava. Provavelmente, é nas tradições indígenas – que ele teve a oportunidade de observar intimamente – que se encontra a chave de entendimento da originalidade de sua escrita em relação ao seu universo onírico que parece ter sido feita em forma de desafio aos valores e às concepções preconceituosas da sua época.

## Conclusão

A partir da leitura do diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães, é possível comprovar a importância dos documentos autobiográficos para o conhecimento histórico, algo que se torna mais contundente no caso de personalidades públicas, por conter informações de caráter privado pouco comuns, revelando momentos especiais que atribuem veracidade à realidade vivida.

A análise do diário de Couto permite conhecer aspectos íntimos da vida de um homem que é conhecido pela História quase que unicamente por sua imagem hercúlea. Tais informações apreendidas desse documento possibilitam, portanto, desnaturalizar a construção da imagem heroica que é realizada, muitas vezes, por intermédio de uma “fórmula” conceitual padronizada: seres naturalmente fortes e heterossexuais. Questionar este arquétipo pode ser visto como algo perigoso, uma vez que muitos pesquisadores acreditavam que isto poderia macular a representação hercúlea desses indivíduos. Com Couto de Magalhães não foi diferente, seus biógrafos o retratavam como um

<sup>8</sup> A maior parte das paisagens nos sonhos do general são os sertões brasileiros, mas Couto também registra cenários oníricos em que se encontrava em outros lugares, como na França (em seus castelos), em parques ingleses, dentre outros.

homem despojado de medos, forte, desbravador, corajoso e, acima de tudo, um incontestável amante do sexo oposto. Qualquer possibilidade de “desvio” desta representação idealista em relação ao papel social heroico do general deveria ser eliminada. Aureliano Leite, seu biógrafo mais requisitado, aconselha que o segredo de José Vieira a respeito de sua possível homossexualidade – aflorada na escrita dos seus sonhos em seu diário – não poderia jamais ser descoberto, pois, no seu parecer, constituía-se de fatos escabrosos:

Mesmo no estrangeiro, quando queria guardar só para si certos factos, por vezes **escabrosos**, o decoro levava-o a recorrer ao *nheengatu*<sup>9</sup>. Por sinal que nos seus manuscritos existem paginas vasadas nesse dialecto, **as quais todavia não devem jamais ser traduzidas** (LEITE, 1936, p. 88, grifos meus).

Na verdade, a revelação de um desejo homoerótico na narrativa íntima de Couto é uma rica contribuição aos estudos historiográficos, por possibilitar “lançar por terra” a ideia de que heróis se fazem por arquétipos conceituais ideais. Se um herói tem a coragem como atributo, não se pode negar esta característica em Couto ao redigir o seu diário. Irreverente, envereda no exercício “perigoso” do registro de seus sonhos, ousando “vasculhar” os recônditos dos seus desejos mais íntimos, ainda que isto significasse ir contra os valores e as concepções de sua época.

Assim, provavelmente influenciado pelo olhar respeitoso e valorativo que muitas culturas indígenas dedicam aos homossexuais, aflora em seu escrito íntimo um universo onírico embebido de um erotismo manifestado no desejo de se envolver não só com personagens femininos, mas, principalmente, com masculinos, demonstrando múltiplas formas de amar e de se chegar ao prazer por intermédio do “mundo dos sonhos”.

## Referências

ARQUIVO HISTÓRICO DO ESTADO DE GOIÁS – AHEG. *Caixa 173*: documentos avulsos – polícia, 1874.

ARRABAL, Fernando. *Um escravo chamado Cervantes*: um retrato do criador de Dom Quixote. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Viagem ao Araguaia*. São Paulo: Três, 1974.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *O selvagem*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1975.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Diário íntimo*. Organização Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In: \_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 82-91.

FOUCAULT, Michel. Sonhar com seus prazeres: sobre a “onocrítica” de Artemidoro. In: \_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 163-191.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

GAY, Peter. O traço comum. In: \_\_\_\_\_. Tradução Sérgio Bath. *O coração desvelado*: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 337-376.

GOLDENWEISER, Alexander. Sex and primitive society. In: \_\_\_\_\_. *Sex and civilization*. Londres: Calverton e Schmalhausen, 1929.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

HALPERIN, David. Homossexualidad, una categoría en crisis. In: ERIBON, Didier (Dir.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse, 2003. Disponível em: <[www.conversiones.com/nota0489.html](http://www.conversiones.com/nota0489.html)>. Acesso em: 20 jul. 2010.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo*: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

HENRIQUE, Márcio Couto. A rainha e o general: uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães. *Varia hist.* [online], v. 25, n. 42, p. 579-596, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752009000200011>>. Acesso em: 5 out. 2012.

<sup>9</sup> As partes mais picantes dos sonhos no diário de Couto de Magalhães foram codificadas na língua tupi-nheengatu.

JORGE, Miguel. *Couto de Magalhães: a vida de homem*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1970.

LEITE, Aureliano. *O brigadeiro Couto de Magalhães: o sentido nacionalista de sua obra*. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1936.

LIMA, Nádia Laguárdia de; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. O diário íntimo como produto da cultura moderna. *Arq. bras. psicol.* [online], v. 62, n. 1, p. 22-34, 2010.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX*. Tese (Livre-Docência em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MACHADO, Maria Helena P. T. Introdução. MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACIEL, S. D. et al. A literatura e os gêneros confessionais. In: \_\_\_\_\_. *Em diálogo: estudos literários e lingüísticos*. Campo Grande: UFMS, 2004.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOTT, Luiz. A homossexualidade na América pré-colombiana. In: \_\_\_\_\_. *Etno-história da homossexualidade na América Latina*. Colômbia, 1994. Disponível em: <<http://www.oocities.org/br/luizmottbr/artigos06.html>>. Acesso em: 2 set. 2012.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da Viagem da sua capital a' S. Paulo*. São Paulo: Typographia de H. Schroeder, 1869.

RIBEIRO, Darcy. Lições de humanismo dos índios do Brasil. *Psicologia Atual*, n. 4, p. 43-46, s/d.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 39-49.